

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO ESPAÇO-DISPOSITIVO: A CRIAÇÃO METODOLÓGICA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

5

Glaucimary Nascimento Teodósio¹

RESUMO

O artigo descreve a metodologia criada para uma pesquisa de mestrado inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da UEMG. Apontamos os conceitos do ateliê biográfico e indicamos sua importância para os resultados obtidos. Por meio de uma investigação biográfica, buscava-se compreender a relação entre a formação ético-estética de professores de séries iniciais e sua constituição identitária. E ainda, como essa formação atuava na prática educativa. A metodologia foi realizada em duas etapas: um ateliê biográfico coletivo e uma entrevista narrativa. O ateliê teve a intenção de provocar experiências estéticas e de se constituir como um espaço-dispositivo, que colaborasse com a abertura para as narrativas. Foram tomados os cuidados éticos e o rigor necessário à pesquisa científica. As experiências vividas no ateliê adensaram as narrativas e contribuíram para as reflexões elaboradas no espaço, que se tornou formativo, ao criar um espaço empático, acolhedor e de partilhas.

PALAVRAS-CHAVE

Ateliê biográfico; investigação biográfica; experiência estética; narrativas.

Recebido em: 11/07/2020

Aprovado em: 24/07/2020

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008), com formação complementar em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais - PPGE/UEMG (2019). Doutoranda pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, na especialidade Educação de Adultos. Pesquisa a formação ético-estética dos professores e as repercussões nas identidades e na docência e ainda: os processos de formação nas experiências de estudantes internacionais e suas narrativas no período de migração.

BIOGRAPHICAL NARRATIVES AND AESTHETIC EXPERIENCES IN THE DEVICE-SPACE: THE METHODOLOGICAL CREATION IN EDUCATIONAL RESEARCH

ABSTRACT

The article describes the methodology created for a master's research inserted in the Post-Graduate Program in Education and Human Training at UEMG. We point out the concepts of the biographical workshop and indicate its importance for the results obtained. Through a biographical investigation, we sought to understand the relationship between the ethical-aesthetic formation of teachers in the early grades and their identity constitution. And yet, how this training worked in educational practice. The methodology was carried out in two stages: a collective biographical studio and a narrative interview. The studio had the intention of provoking aesthetic experiences and constituting itself as a device-space, which collaborated with the opening for the narratives. Ethical care and rigor required for scientific research were taken. The experiences lived in the studio increased the narratives and contributed to the reflections elaborated in the space, which became formative, by creating an empathic, welcoming and sharing space.

KEYWORDS

biographical workshop; biographical research; aesthetic experience; narratives.

Diante do desafio de nos aproximarmos dos sentidos e significados atribuídos às experiências estéticas dos docentes e as repercussões em sua constituição identitária, criar se tornou uma necessidade em nossa pesquisa. Inventar a partir dos estudos de outros pesquisadores, acolher os ensinamentos de autores, precursores de nosso tempo, reunindo informações e imaginando, contando também com nossas próprias experiências. Afinal, “é preciso encontrar maneiras de pesquisar, é preciso encontrar meios de sair, ou seguir, das inúmeras situações”, como já nos alertaram Oliveira e Silva. Dessa maneira, na “relação entre metodologia e invenção, encontrar maneiras, utilizar-se do potencial humano de criação”. Criar sem pudor, mas lembrando-se do rigor, advertem as autoras. “E então, entregar-se aos ventos da surpresa” (2016, p.53-54).

Nesse sentido, desenvolvemos duas etapas metodológicas, tendo como pressuposto epistemológico a hermenêutica. A primeira delas foi a realização de um ateliê, criado a partir de nossas experiências, mas adaptado para as necessidades da pesquisa. A segunda etapa se configurou num segundo encontro com os sujeitos, a partir das entrevistas narrativas, realizadas individualmente. Para a análise do conjunto de narrativas produzido nos inspiramos na hermenêutica, trazendo uma análise compreensiva, que sabemos ser limitada pelo nosso horizonte. Neste artigo, apontamos brevemente os conceitos metodológicos, para explicitar os pressupostos que nos guiaram na elaboração e na condução da pesquisa: a hermenêutica e a narrativa. Na sequência, indicaremos os suportes teóricos que nos apoiaram na criação do espaço-dispositivo e de que maneiras os sujeitos se apropriaram desse espaço.

Hermenêutica: abertura, alteridade, encontro

Interpretar foi a chave utilizada em nossa pesquisa, tanto no percurso epistemológico, quanto na metodologia, na produção e análise dos dados. Nesse trabalho, nos apoiamos em autores que conceituam a hermenêutica como uma “filosofia universal da interpretação e das ciências humanas que acentua a natureza histórica e linguística de nossa experiência no mundo” (GRONDIN, 2012,

p.11). Ao interpretar os dados, não intencionamos chegar a uma verdade absoluta, mas a verdade que o sujeito que narra escolhe trazer à tona, pois “a hermenêutica renuncia à pretensão de verdade absoluta e reconhece que pertencemos às coisas ditas, aos discursos, abrindo uma infinidade de interpretações possíveis” (HERMANN, 2012, p.24). Compreender é um desafio que nos fizemos no decorrer da pesquisa para nos aproximarmos dos sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. Consideramos as narrativas e o próprio sujeito dentro de um contexto, sabendo que o que ele narra é fruto de sua memória, mas também de sua criação, uma invenção de si que coloca o sujeito dentro de um tempo histórico, de um contexto, que ele faz parte. Assim, a hermenêutica possibilita outras formas de conhecer a verdade, inclusive na vida cotidiana, “trazendo a perspectiva do interpretar, da produção de sentido e da impossibilidade de separar o sujeito do mundo objetivado” (HERMANN, 2002, p.16).

A abertura a experiência hermenêutica subentende a receptividade à pergunta. Uma questão que se faz ao outro, mas não para confirmar o que se sabe. Uma pergunta aberta, considerando que não se sabe de fato, estando assim abertos ao diálogo, à conversação. “Para estarmos aptos a interrogar temos que querer saber, e isso significa *saber* que não sabemos” (PALMER, 1986, p.201), o que implica numa abertura radical ao outro, numa postura sensível e com uma escuta ativa. A experiência educativa, enquanto hermenêutica, exige a exposição ao risco, às situações inesperadas, como salienta Hermann (2002, p.86), o que expõe o sujeito a um diálogo e à necessidade de uma autocrítica, colocando em questão os próprios preconceitos. Dessa maneira, estar diante do outro, numa abertura radical, se constitui como uma possibilidade formativa, na medida que oportuniza o aperfeiçoamento de nossas experiências no mundo, alargando as interpretações possíveis. O sentido que a hermenêutica busca é validado no diálogo com outras possíveis interpretações. Quando o estranho se aproxima de nossas interpretações, amplia e enriquece nossa própria experiência no mundo. (...) Somente no encontro com outras pessoas que pensam de outra forma podemos superar nossos próprios horizontes interpretativos. (HERMANN, 2002, p.82)

A postura exigida na abertura ao outro requer ainda uma criticidade em relação às próprias crenças, um distanciamento de si mesmo e a disposição de abrir mão das próprias hipóteses. Dessa maneira, a hermenêutica tem em seu cerne o pensar e o conhecer, e pretende explicitar ao mundo, a partir de sua finitude e historicidade, a origem de seu caráter interpretativo. A hermenêutica interroga também outras experiências, como as artísticas, uma vez que “a experiência da arte nos abre um mundo, um horizonte, e amplia nossa autocompreensão, justamente porque revela o ser (HERMANN, 2002, p.27)”

A investigação biográfica

Somos efetivamente o que narramos, na medida em que as dimensões formadoras dos acontecimentos vividos e lembrados e das experiências deixam marcas e imprimem reflexões sobre o vivido. (SOUZA, 2018, p.122)

Nos situamos como uma pesquisa qualitativa, inserida no campo biográfico-narrativo. Tivemos contato com diversos autores que reconhecem a narrativa como um importante instrumento na busca pelas identificações, e ainda, para o autoconhecimento e para a formação. Dessa maneira, a narrativa tem sido bastante recorrente nas pesquisas em educação. A narrativa, nessa pesquisa, dialoga com os processos de identificação e com a formação ético-estética dos sujeitos. Nos dois casos, atua como mediadora na construção do conhecimento de si e do outro, num processo reflexivo que aciona a formação, assim como a ressignificação de identidades, uma vez que o ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias (DELORY-MOMGERGER, 2014, p.33).

Conhecemos a nós mesmos a partir da narrativa do outro. Ouvimos, nos identificamos, criamos canais de partilha. Nossa existência ganha sentido a partir do momento que a narramos. E

nossa narrativa é feita do que ouvimos, lemos e conhecemos das narrativas existentes no mundo. A partir do contato com diferentes formas de narrar, em contextos distintos, vamos perfazendo nosso próprio mundo, narrativamente. Nesse sentido, a disposição para o encontro com o outro norteou nossa pesquisa, para ouvi-lo contar suas histórias, narrar de si. E, partir do encontro, estabelecer uma escuta atenta e sensível, que nos aproxime dos sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências. “A escuta, tanto quanto a fala, dependem dos interesses e sensibilidades dos interlocutores, visto que ambos são igualmente sujeitos de sentidos e interpretam seus viveres e os acontecimentos à sua volta” (TEIXEIRA; PÁDUA, 2018, p.258).

Nosso interesse está voltado para as experiências estéticas dos sujeitos em seu contexto individual e social. Buscamos saber como essas experiências ressoam na constituição da identidade desses sujeitos. Nessa perspectiva, contamos com a pesquisa narrativa, que é uma forma de compreender a experiência a partir de histórias vividas e contadas. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com *milieus*“ (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 51). Bolívar (2002, p. 5) chama a atenção para a necessidade da inclusão da subjetividade no processo de compreensão da realidade. Nesse contexto, a pesquisa biográfico-narrativa traz para a investigação “la materialidad dinámica del sujeto, sus dimensiones personales (afectivas, emocionales e biográficas)”, tornando-se uma importante ferramenta para entrar no mundo das identidades, dos significados e dos saberes dos sujeitos. Analisar e compreender os relatos de vida permite “evidenciar a pluralidade, a fragilidade e a dependência de nossas identidades, ao longo da vida” (JOSSO, 2008, p.27). Ao utilizar a narrativa como procedimento biográfico, estamos colocando em jogo sua potência para instaurar nos sujeitos a criação de si e a reflexão de suas escolhas, além de possibilitar a prospecção de um futuro; o que faz com que o sujeito ressignifique sua constituição identitária. E ainda coloca em cena “um ser-sujeito relacionado com pessoas, com contextos e consigo mesmo, numa tensão permanente entre os modelos

possíveis de identificação com outrem (conformação) e aspirações à diferenciação (singularização)”. (JOSSO, 2008, p.28).

Delory-Momberger (2014, p.61) afirma que “a narrativa do outro é assim um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se, reconfigurar-se, alargar seu horizonte”. Nesse sentido, ouvir é tão importante para o aprendizado quanto narrar. Narrar sua própria história como um processo de reflexividade de si e partilhar essa narrativa, como processo que é dinâmico e fluido: fala e escuta, num contínuo de aprendizado. Assim, o outro entra no jogo como provocador do entendimento de si, como um possibilitador de uma nova história, que confronta o sujeito e o remete à reflexividade. Assim, a narrativa tem um caráter formativo, pois “ajuda a formar a imagem que produzimos de nós mesmos, incorporada em um estilo, em uma maneira de ser, uma forma de aparência” (DELORY-MOMBERGER, 2018). Ao rememorar as escolhas e motivos que nos levaram a algum caminho, colocamos em jogo os significados que atribuímos na vida. Isso atravessa vários contextos, faz pensar os caminhos formativos, faz imaginar de que forma a vida foi se construindo e quais experiências foram marcantes nesse processo.

Oliveira (2012, p. 303) aponta que “a escrita e a oralidade se configuram como dispositivos de formação e autoformação no espaço formativo da educação”. A memória inventa, cria, ressignifica e reconstrói as imagens e acontecimentos, traçando novos sentidos. Em face disso, a narrativa, como dispositivo de reflexão, pode levar a uma postura ético-estética, num cuidado de si. Os docentes convivem com uma quantidade de demandas que os acionam de diversas maneiras. Atuar diante de um contexto em constante mudança requer a investigação do processo constitutivo de seus pertencimentos sócio-culturais. Requer ainda uma pesquisa constante, objetivando sua relação com o mundo. “Pelo trabalho da reflexão, no tramado de relações percebidas, a construção de significados em torno de novas rotas que se anunciam é potencializada”. (OSTETTO; BERNARDES, 2015, p. 164)

No campo da pesquisa autobiográfica, as narrativas se apoiam na memória, nos afetos, nos significados atribuídos pelo sujeito quando conta de si, quando revisita acontecimentos e os narra. A narrativa é um instrumento de pesquisa aberto, que requer uma postura de escuta sensível e acolhedora. E ainda, ao acolher as narrativas de professores e compartilhá-las, propõe-se o olhar para o docente com seus valores, saberes, numa escuta que o apoia e valoriza sua formação de vida e sua fala. Pensamos que a partilha dessa trajetória através da narrativa pode atuar como fundamento reflexivo e formativo, como prática que é de criação de si e que reverbera no outro. Dessa maneira, a escolha da pesquisa biográfico-narrativa pareceu a mais aproximada para alcançar nossos objetivos, além de nos levar a reflexões que ampliam nossa formação. A narrativa foi utilizada como metodologia, em duas etapas. A primeira consistiu na realização de um ateliê, com os objetivos principais de sensibilizar os sujeitos para o tema da pesquisa, além de trazer as narrativas de si para dentro do grupo de docentes, como descreveremos no próximo tópico. A segunda etapa metodológica foi a realização de entrevistas narrativas individuais. Aqui nos inspiramos em Uwe Flick (2006), utilizando uma entrevista episódica, por contar com possibilidades de analisar o conhecimento cotidiano do entrevistado sobre um tema ou campo específico, em nosso caso, a experiência estética e suas ressonâncias na identidade dos docentes.

A invenção do ateliê: formas de se aproximar dos sentidos

Diante do desafio de como nos aproximar da imagem-sentido que o docente produz sobre suas experiências estéticas e das repercussões dessas experiências em sua identidade, inventamos maneiras para alcançar essas imagens, esses significados construídos pelos sujeitos da pesquisa. Intencionamos construir uma experiência que fosse também estética, que afetasse o sujeito e pudesse criar um ambiente empático, acolhedor, que estimulasse narrativas de si. Inspirados em Christine Delory-Momberger, em sua proposta de ateliê biográfico de projeto, que “destinam-se a considerar a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de *formabilité* aberto ao projeto de si” (2006, p.366), criamos o ateliê de nossa pesquisa: um encontro

coletivo entre os sujeitos da pesquisa, um momento de viver uma experiência estética, que acionasse narrativas desses sujeitos, que desse pistas de suas constituições identitárias. Porém, concordamos com Hermann (2016, p. 24) que uma experiência estética não é planejável, ela apenas acontece, portanto não há resultados formativos assegurados. Contudo, apostamos na potência de sensibilização estética do espaço que preparamos.

Em nossa proposta, priorizamos a narrativa oral e outras formas de expressão, não somente a escrita. Elegemos o encontro coletivo como primeira etapa metodológica que proporcionaria o diálogo dos sujeitos com as próprias narrativas e as do outro. Intencionávamos ainda despertá-los para o tema, que teria continuidade nas entrevistas narrativas individuais, a serem realizadas após a realização do encontro inicial. Dessa maneira, o ateliê se configuraria também como um dispositivo de formação, considerando que a narrativa estaria no centro da proposta. Cientes de que o espaço influencia a narrativa produzida, selecionamos um terraço no Centro de Belo Horizonte, para facilitar o deslocamento dos sujeitos. O Centro usualmente se configura como um local onde os sujeitos são acionados a resolver situações, administrando o tempo entre todas as ações e demandas da vida. O prédio onde o terraço está localizado é residencial, o que possibilita a chegada num ambiente que é, de certa maneira, familiar, ainda que novo para os participantes. Dessa maneira, há o contato com o Centro, num local cotidiano, mas que foi transformado num espaço-dispositivo, a fim de possibilitar experimentações e vivências estéticas, sensíveis.

Nesse sentido, o espaço-dispositivo atua como elemento formativo, voltado para uma formação estética, convocando o sujeito a se deslocar de suas obrigações para viver um tempo de partilha, de encontro, mediado pelas construções sensíveis ali dispostas. As proposições do ateliê convidavam o sujeito a fazer uma imersão nesse espaço, com corpo, mente e emoção, suspendendo a correria do cotidiano, para viver a experiência do encontro consigo mesmo e com o outro. Entendemos que vivenciar experiências sensíveis dão uma nova dimensão para a reflexão de si, processo que é formativo e criativo, na medida que, ao pensar e narrar sua própria história, os sujeitos

podem ressignificar e fazer novas construções de si, novas identidades. No ateliê, pensamos a experiência no espaço a partir de proposições, que implicam a participação do sujeito na construção de sua própria experiência sensível, conforme propõe Hélio Oiticica (1986).

Os objetos propositivos utilizados, assim como o espaço em si, trouxeram elementos que acionaram a memória; objetos cotidianos, utilizados num contexto sensível, que contribuíram para fazer surgir lembranças de experiências significativas da vida de cada sujeito. A intenção foi que o sujeito se tornasse parte, se relacionasse com os objetos e com os outros sujeitos do ateliê, construindo sua experiência. As proposições que surgem, ora lançam mão do objeto (da palavra, caixa etc., indo a todas as modalidades, até à coisa e a “apropriação”) ora do ambiente, absorvendo, catalisando seus elementos, mas visando à proposição em essência (OITICICA, 1986 p.103). Nessa perspectiva, objetos e espaços acionam também a corporeidade dos sujeitos, materializando a experiência, que acontece nesse encontro. O espaço-instalação, os objetos propositivos, a memória, o outro, e o próprio sujeito vão construindo vivências. Conforme indica Oliveira (2012, p.307), “um grupo que mobiliza a vivência corporal, numa perspectiva também de experimentação, projeta possibilidades de criação, de invenção de si, a partir do que nossos corpos biográficos trazem”.

Nossos corpos foram moldados ao longo de vários processos educativos e tratados como algo a ser domado. Nesse sentido, precisam ser “acordados”, deixarem-se afetar, para ser um “corpo presente no aqui-agora e extremamente atento a tudo que lhe acontece no interior da experiência” (ZANELLA; PERES, 2017, p.104). A experimentação proposta buscava que os corpos fossem afetados a fim de que a subjetividade desabrochasse e proporcionasse novos movimentos. “O corpo como tal é evocado nas narrativas de formação ocupa um lugar maior sob diferentes aspectos, mesmo se o autor da narrativa não está sempre consciente disso ou deixa de explicitá-lo”. (JOSSO, 2012, p.24).

O ateliê foi elaborado pela pesquisadora e teve a participação das amigas e arte-educadoras Daniela, Nelian e Deborah, componentes, junto com a pesquisadora, de um coletivo de arte e educação. Após a realização de convites para diversos sujeitos docentes, apenas quatro compareceram no dia marcado para o ateliê: Zenira, Flávio, Lídia e Mariana. O grupo forma um arco de tempo enquanto professores de séries iniciais, Mariana iniciando a carreira, Lídia e Flávio com alguns anos de experiência e Zenira próxima da aposentadoria. Todos aceitaram as proposições do ateliê, durante quase três horas de duração, na manhã de um sábado de outono, como veremos a seguir.

Quando chega o sujeito, o que vê, o que traz consigo

Nessa seção, apresentaremos uma análise compreensiva do ateliê, em sua dimensão de experiência estética e de dispositivo formativo, que atua na reflexividade de si na escuta do outro e na partilha de sua própria narrativa. Contaremos sobre como os corpos se movimentaram nos espaços, refletimos como o próprio corpo dá pistas narrativas e partilhamos agora um pouco das imagens, poéticas e discursos do encontro. No dia anterior ao encontro, preparamos o espaço. No edifício, os sujeitos tinham que subir até o oitavo andar por um elevador antigo, com portas de madeira. Dali, subiam uma escada, de onde já era possível ouvir o som de uma cortina feita com tiras de papel crepom de várias cores, instalada na porta que dá acesso ao terraço. Tivemos a intenção de que a passagem pela cortina fosse o começo da experiência estética, uma transição do cotidiano comum para uma vivência diferente.

O ateliê foi realizado numa manhã ensolarada e de vento, em junho de 2018. Ao atravessar a cortina, os sujeitos podiam ver o sol num céu de poucas nuvens e de um azul intenso. O sol brincava com as grades e com os objetos que foram utilizados no ateliê, fazendo um jogo, uma brincadeira de luz e sombra, criando imagens e poéticas visíveis para os olhos mais sensíveis. Lá de cima podíamos ouvir buzinas e outros barulhos, vindos da rua. Naquele mês acontecia a Copa do Mundo no Brasil. Ficamos pensando nessas diálogos de sombra e luz e nas imagens produzidas. Transportamos essas

poéticas para a troca de discursos, quando acontece o jogo de narração, quando há falas, pausas e silêncios. Pensamos também nos corpos, que se movimentam, param; fazem adesão ou negam as proposições do ateliê. O que está sendo narrado pelo sujeito quando ele fica em silêncio? O que o corpo conta naqueles momentos?

Ao entrar no ambiente, depois da visão do espaço aberto do terraço, era possível ver a mesa de café da manhã, contendo: café, água, um suco de maracujá, um bolo de laranja e outro de cenoura com cobertura de chocolate, feitos pela pesquisadora; chá de erva cidreira; um queijo do Serro e uma cesta com frutas diversas. O espaço foi composto também por uma cortina de renda, afixada nas grades do terraço. Uma moringa de barro; um bule e pequenas xícaras coloridas esmaltadas tinham a intenção de aproximar os sujeitos a um contexto de passado, o lugar da memória. Ofertamos a refeição como um gesto de acolhida, pensado a partir de pequenos detalhes, considerando afetos que os cheiros, sabores e materiais dispostos poderiam acionar. O ato de comer e beber algo, em partilha, foi pensado como um facilitador do processo de narrativa, no sentido de que, ao partilharmos uma refeição, estamos nos remetendo a uma ação cotidiana, comum, o que pode trazer maior fluidez aos gestos, às falas.

Para a realização do ateliê, foram utilizadas duas partes do terraço, uma sala e uma área coberta por um telhado. O chão foi forrado com diferentes tecidos, de diferentes texturas e cores. Utilizamos também duas colchas de retalhos e uma colcha de fuxicos, trazendo uma materialidade presente no cotidiano de várias pessoas e que lembra o trabalho manual, típico de um jeito de fazer mais privilegiado no passado. Três caixas-tapete no chão contendo tecidos, papéis e plásticos convidam para a experimentação. Pedimos para os sujeitos deixarem suas bolsas num local reservado e para tirarem os sapatos, para que pudessem experimentar com mais conforto as proposições do ambiente. Utilizamos tecidos também em outras espacialidades, como no teto e nas grades do terraço. Assim, levamos os materiais para uma posição não usual, a fim de deslocar o sentido desse objeto, além de mover também o olhar do sujeito.

Caixas e mais caixas, distribuídas em diferentes locais do espaço, continham objetos propositivos, cotidianos, mas separados de seu ambiente habitual. Cada um guardando um segredo, uma inutilidade, uma história, podendo evocar outras, dependendo do repertório do participante. Seleccionamos fotos antigas, malas, caixas diversas, moedas, chaves, botões, bordados, cartas, brinquedos, discos de músicas, máquinas fotográficas, cordas, papéis diferentes, giz de cera, caneta hidrocor, lápis de cor, livros, espelhos, linhas e outros materiais. Uma frase foi escrita com letras grandes numa faixa de papel *craft*, que o sujeito enxergava quando se aproxima mais da área coberta. Ali, havia uma reflexão-ação: conte um momento marcante de sua vida. Narre – desenhe - escreva. Com essa proposição, pretendíamos acionar a memória dos sujeitos, para que partilhassem alguma experiência estética, que tenha trazido significados para sua vida. Essa narrativa poderia acontecer pela escrita, pela performance, por um desenho ou pela oralidade.

Os participantes tiraram os sapatos e se juntaram em roda para refletir sobre a proposição da faixa de papel. Na roda, já começaram a trocar histórias e memórias de família e de prática educativa. Ali, a narrativa do outro convidava a rememorar experiências estéticas, possibilitando a reconstrução da própria narrativa. Estar em roda promoveu o olhar para o outro, na potência da escuta, da troca. Com a chegada de mais uma participante, voltamos à mesa de café. Pensamos em como essa ida e vinda, numa quebra da intenção inicial, nos remete ao movimento da memória, um vai e vem, num fluxo não linear. Ali, as narrativas continuaram e o corpo se mostrava na experimentação de sabores que o grupo fazia ao redor da mesa. O vento brincava com os cabelos, com as roupas e com os tecidos do espaço.

Uma sala existente no terraço também foi transformada. Além dos materiais utilizados no ambiente externo, colocamos nessa sala um ventilador e duas luminárias. A colcha de fuxico foi utilizada como cortina, que cobria a janela, contribuindo para reduzir a iluminação externa do ambiente. Desligamos a luz do teto e fechamos a porta. As frestas de luz da janela e as luminárias eram coadjuvantes da penumbra do ambiente. No chão, além dos tecidos, foram colocadas almofadas,

que completavam a composição, para criar um clima de acolhimento e aconchego. Utilizando diferentes linguagens e materialidades nesse ambiente, pretendíamos acionar interações e propor diversas maneiras de se mover, de sentir, de experimentar, de explorar sentidos. Dessa maneira, pensamos ser possível refletir coletivamente o mundo, o olhar, a estética, o sensível e criar relações e aprendizados.

Na sequência, fizemos a apresentação das arte-educadoras, para justificar a presença de outras três mulheres naquele momento, cada uma trazendo suas experiências e sensibilidades para o ateliê. Ressaltamos que o dispositivo foi elaborado pela pesquisadora, em consonância com os princípios da pesquisa, mas contamos com o apoio das outras mulheres na mediação do encontro. Falamos da relação de amizade que nos une, desde que nos conhecemos, no período que trabalhamos no Palácio das Artes. Os sujeitos também se apresentaram, já mostrando indícios de seus processos de identificação, que mostraremos no próximo tópico. As questões norteadoras diziam respeito a um momento marcante da vida, mas todos acabaram contando também sobre a relação com pesquisadora, ou seja, como chegaram até ali.

A partir dessa narrativa de si e da escuta do outro, convidamos o participante a fazer um percurso exploratório do ambiente, aguçando os sentidos, com atenção ao próprio corpo, ao espaço externo e às escutas internas. O corpo guarda memória. Na vida cotidiana, ao trabalhar com o corpo do outro, é preciso reconhecer a si mesmo. O corpo caminha pelo espaço enquanto a imaginação contribui para sentir o ambiente. Cada um fez um caminho e estabeleceu relações no espaço, tocando, observando, cheirando os objetos, descobrindo o conteúdo das caixas. Fizemos a proposta que eles criassem algo que, de alguma maneira, contasse sobre o que eles mostraram de seu processo de identificação, utilizando um ou mais objetos, que poderiam também ser transformados, alterados. Apesar do risco de induzi-los, explicamos que essa criação poderia ser uma escrita, uma imagem, um desenho, um relato oral ou uma performance.

Os sujeitos aceitaram a proposição, explorando o ambiente com curiosidade. Olharam em várias caixas e cada descoberta gerava uma reação, entre risadas, olhares curiosos, abertura de caixas dentro de caixas. Tudo virava nova história: o disco que escutavam na infância, o brinquedo, a fotografia que evocava lembranças outras, a fita métrica que lembrou a máquina de costura da mãe, a bonequinha de pano que foi retirada da caixa, por parecer estar sufocada naquela posição, o Santo Antônio pequenino trazendo memórias de outros tempos. Risos e encantamentos foram percebidos, mas houve também foco, para quem rapidamente escolheu os objetos para criar sua forma de expressão identitária. Ao explorar, alguns participantes até cheiravam os objetos, como se o corpo sentisse necessidade de saber também com outros sentidos. Por se tratar de uma proposta aberta, não fizemos a mediação desse momento, o que pode ter tornado a experiência muito solta, deslocada, de certa maneira, de uma intencionalidade. Deixamos com que os objetos e o próprio espaço fizessem esse papel mediador e que cada sujeito agisse conforme os afetos e memórias acionadas pelo contexto.

Alguns diálogos sobre a experiência

De volta à sala, em nova roda, pedimos aos participantes que contassem sobre a experiência, sobre o que sentiram, o que lembraram, como foi para cada um. Foi falado sobre a memória sensorial acionada ao pegar num objeto que os afetava. “Foi muito interessante, você começava a ver um pouco e começava a ter lembranças, né?”, contou Flávio. E continuou: “vários lugares e coisas eu lembrava da infância, da adolescência, da fase adulta mesmo... Então, assim, de cada pedacinho, cada cantinho tinha uma coisa que me afetava”. Zenira disse que abrir caixas é interessante, mas que a experiência a fez lembrar da necessidade de abrir outras caixas: “às vezes eu sinto que preciso parar um pouquinho pra abrir caixas e olhar né? Esse olhar mais atento”.

Nesse momento, Zenira nos deu indícios sobre si: que suas responsabilidades cotidianas provavelmente a afastam de espaços sensíveis, onde ela possa usufruir as experiências com mais lentidão, com mais cuidado. E, dessa maneira, viver a vida mais intensamente, naquilo que ela

valoriza. “De repente eu aprendi que eu tenho que parar para olhar umas caixas, sabe? Que elas estão lá e a vida tá passando e eu não tô mais olhando intensamente as caixas”. Lídia comentou sobre a bonequinha de pano que viu: “eu só fiquei incomodada com a bonequinha dentro da caixa, ela tava claustrofóbica. Isso é uma coisa de família, a gente sempre personifica objeto inanimado, a gente faz isso lá em casa”. Lídia nos deu indícios de que nosso objetivo foi atendido - criar um espaço acolhedor, onde os participantes pudessem se expressar livremente - já que se comportou, em alguma medida, como se estivesse em casa, quando reposicionou a bonequinha em outro local.

Passamos então para o momento de expor a criação de cada um. A porta da sala estava fechada, com objetivo de reduzir a luminosidade. O clima era de aconchego, com alguns corpos deitados, outros sentados, encostados na parede ou abraçados a almofadas. O corpo se movimentava também para encontrar uma posição de mais conforto. Flávio, narrou sobre suas escolhas: um livro infantil, a colcha de fuxico e um pequeno tambor originário da Bahia. “Eu gostei da cortina por causa da disposição das cores. Acho que a vida, ela tem que ser colorida, né, ela não pode ser preto e branco o tempo todo”. Disse ainda que ficou com vontade de escolher outros objetos, mas focou naqueles. A escolha do tambor foi por representar a música, pois, para ele, a música é importante em toda a sua trajetória, como uma paixão. Pudemos observar que Flávio participou do ateliê com entrega, demonstrando intensidade. Flávio deu pistas de uma identidade em movimento, quando disse: “eu sou essa mudança o tempo todo, né? Eu gosto de mudar”. E convidou: “acho que a vida é movimento e a gente tem que ser movimento junto com ela, sempre descobrindo coisas novas”.

Mariana escolheu uma mala e fez uma poesia: “eu peguei a mala porque representa a minha vida”. Colocou a mão na base da mala e afirmou: “eu acho que dessa mala aqui a minha experiência só tem esse tiquinho aqui. Eu ainda tenho que encher ela toda. E na minha carreira pedagógica, muito mais, né?”. Naquele momento, após ouvir as narrativas iniciais, Mariana sabia que era a mais jovem professora, tanto na idade quanto no tempo de prática educativa. Ao evidenciar essa condição, Mariana mostrou sinais de que o início da docência é um período que marca a trajetória profissional,

quando a falta de experiência se traduz como uma dificuldade. Porém, fez questão de mostrar também que tem uma postura aberta ao aprendizado, “Eu sei muito pouco, adoro aprender com todas as professoras que querem me ensinar. Eu tenho muito o que aprender ainda e gosto muito de aprender”.

Lídia demonstrou, em vários momentos, suas relações de afeto com a Literatura. Escolheu e leu para o grupo o poema “O diabo e a criança”, do livro de Mário Quintana. Em sua narrativa, Lídia contou que gosta de desenhar bruxas e seres fantásticos, mas especialmente a bruxa, fazendo uma relação dessa personagem com mulheres fortes. Com isso, ela deu indícios de identificação com as características que evidencia. No contato com a Literatura, desde pequena, via que princesa era aquela que seguia o *script*, que vivia a vida que estava programada para ela. Eu sempre gostei das bruxas porque elas não seguem o *script*. Eu acho que as bruxas são mais independentes, mais autônomas e mais revolucionárias. Depois eu li sobre as mulheres que eram julgadas como bruxas na Idade Média(...), e eram mortas por isso. A bruxa é uma figura que eu gosto, acho que é uma figura de liberdade, de poder. Inclusive se eu chamar alguém de bruxa, é um elogio genuíno, é alguém que eu tenho muito apreço.

Zenira realizou uma performance, ficando de cabeça para baixo, com as mãos no chão e os pés apoiados na parede. Fez isso com muita facilidade e flexibilidade e narrou, ainda de cabeça pra baixo: “o livro representa o meu companheiro de todo dia. Às vezes, a minha vida tá assim, tudo de cabeça pra baixo. Aí, eu encontro meu livro, me equilíbrio e volto, mais forte do que antes”. Com isso, Zenira dá indícios de compreender a leitura como facilitadora do conhecimento. Ela mostrou também uma relação de afeto com a Literatura, separando experiências de aprendizado das que são puramente estéticas. “Então, se for pra falar só pro meu deleite, meu prazer, eu leria só poesia. Eu leria só Cecília Meireles, O romanceiro da Inconfidência, O Pequeno Príncipe, que eu já li várias vezes. Eu leria só isso, mas às vezes, nem sempre dá. E é um exercício pra mim também de renovação fazer outras leituras, descobrir outras coisas”. A performance de Zenira foi gravada e o vídeo, juntamente com as imagens dos outros participantes, foi projetado na sala, para todos verem e compartilharem as

experiências, ampliando os sentidos em jogo naquele instante. Ao final desse tempo, fomos para o outro ambiente, comemos um pouco mais, tomamos mais chá e nos despedimos. Havia um sentimento de melancolia, um término que não era o fim, mas o fim daquele encontro, naquele momento, com uma esperança de que as emoções vividas continuassem ecoando nas vidas de quem participou.

4.1.2 Nossas considerações – limites e potências da invenção

Apesar do número de participantes ter ficado reduzido, a amostra da pesquisa ficou bem variada, pois tivemos a presença de uma professora iniciante, com dois meses apenas na rede municipal, um professor com cinco anos de prática, uma professora com mais tempo e outra já quase aposentando de um dos cargos. Esse arco de idades e tempos de docência contribuíram para enriquecer a pesquisa. Pudemos verificar que a vivência de uma experiência sensível, que pudesse criar um ambiente empático e acolhedor para as narrativas de si e a escuta do outro atuou na reflexividade dos sujeitos, apoiando as entrevistas posteriores.

A própria criação metodológica, por se tratar de uma tentativa de gerar um dispositivo diferente, nos colocou em vários questionamentos. Aquele dispositivo estaria adequado para nossa pesquisa? Os sujeitos fariam adesão ao convite? E se investiriam nas proposições criadas? Os riscos envolvidos na escolha e elaboração do dispositivo valeriam a pena? Vários dessas questões pesaram muito, gerando um quadro de aflição que não se resolveu logo no final do ateliê. Não tivemos como fazer um teste antes da realização do ateliê, até mesmo pelas dificuldades vividas para localizar os sujeitos e encontrar uma data possível para a participação coletiva.

Porém, percebemos que, apesar dos limites e desafios, criar foi uma necessidade, uma intuição e uma experiência que nos levou muito além e ampliou a potência tanto dos dados da pesquisa, quanto do aprendizado da pesquisadora. Nesse sentido, a criação metodológica se tornou como um

dispositivo formativo, reflexivo, ético e estético, para os sujeitos envolvidos: pesquisadores e participantes.

Referências

BOLÍVAR, Antonio. “¿De nobis ipsis silemus?”: **Espistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación**. Revista Electrónica de Investigación Educativa. Vol.4, n.1, 2002.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**. Experiências e história em pesquisa narrativa. Uberlândia: EDUFU, 2015. 249p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e socialização – os ateliês biográficos de projeto**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

_____, Christine. **Biografia e Educação - Figuras do indivíduo-projeto**. Natal – RN: EDUFRN, 2014. 2a ed.

_____, Christine. Motivos pessoais e espaço de pesquisa. Ensaio de uma biografia de pesquisadora. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. **A nova aventura (auto)biográfica. Tomo II**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. Versão Kindle. (Numeração irregular)

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 3a ed.

GRONDIN, Jean. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 150p.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 112p.

_____, Nadja. Entrevista. Conversando com Nadja Hermann. In: RAJOBAC, R.; BOMBASSARO, L. C.; GOERGEN, P. (Orgs.). **Experiência Formativa e Reflexão**. Homenagem a Nadja Hermann. Caxias do Sul: EDUCS, 2016. 392p.

JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural.

In: PASSEGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: Paulus, 2008. p.23-50.

_____, Marie-Christine. **O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.37, n.1, p.19-31, jan.abr. 2012.

OITICICA, Hélio. **Aparecimento do suprassensorial na arte brasileira**. In: Aspiro ao grande labirinto, Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

OLIVEIRA, Valeska Maria F. de. Sobre “O Cuidado de Si”, Formação e Experimentações Autobiográficas. In: DIAS, Cleuza M. S.; PERES, Lúcia M. Vaz (Orgs.). **Pesquisa (Auto)Biográfica: Temas Transversais**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 301-321.

OLIVEIRA, Valeska Maria F. de; SILVA, Monique. Em defesa da leveza, do sensível e da sensibilidade na pesquisa em educação. In: FEITOSA, Débora Alves (Org.). **O sensível e a sensibilidade na pesquisa em Educação**. Cruz das Almas-BA: UFRB, 2016. p.45-70

OSTETTO, Luciana; BERNARDES, Rosvita Kolb. **Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas**. Pro-Posições, V. 26, n. 1(76). P. 161-178. Jan./Abr. 2015.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1986. 284p.

SOUZA, Elizeu C. Autobiografia como acontecimento: vida, pesquisa e formação. In: ABRAHÃO, M.H.M.B.; FRISON, L.M.B.; MAFFIOLETTI, L.A.; BASSO, F.P. (Orgs.) **A nova aventura autobiográfica. Tomo III**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018. 462p.

TEIXEIRA, Inês A.C.; PÁDUA, Karla C. “Despertar o vivido e a sua intensidade imaginativa”: o trabalho com narrativas em pesquisa. In: ABRAHÃO, M.H.M.B.; CUNHA, J.L.; BÔAS, L.V. **Pesquisa (Auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018. p.257-270.

ZANELLA, Andrisa Kemel; PERES, Lúcia Maria V. **No entrecruzamento de linguagens... A arte e o corpo para pensar a educação e a formação do humano**. Revista Brasileira de Educação. v.22 n.68. Jan-mar 2017. p.101-121.